

## Faltou pedir desculpas à imprensa

# De novo, uma autoridade acuada por suas próprias lambanças sugere que a culpa é dos jornalistas

EUGÊNIO BUCCI

02/03/2017 - 08h01 - Atualizado 02/03/2017 11h13



Na terça-feira (21), o senador **Romero Jucá** (PMDB-RR), líder do governo no Congresso Nacional, pediu desculpas ao país. Até que enfim, dirá você, mas não apressemos as comemorações. O que levou o nobre parlamentar a se retratar não foram as condutas notórias (mas não notáveis) que, vindas de longa data, deslustram a imagem do Poder Legislativo. Ele não se “escusou”, como diriam os oradores que frequentam a tribuna do Senado, por ter dado um jeito de sempre sob o manto protetor do governo, qualquer que fosse o governo. Tampouco pediu perdão por ter traído aliados aos quais jurava lealdade. Nada disso. Jucá reconheceu publicamente um erro, é verdade, mas esse erro não passa do emprego indevido de uma palavra de mau gosto.

Essa palavra é o substantivo feminino “suruba”. Romero Jucá pronunciou o vocábulo “suruba” em referência à figura jurídica do chamado “foro privilegiado”. No dia seguinte, eximiu-se da culpa, alegando que, embora tenha efetivamente escandido as sílabas de “suruba”, por mais de uma vez, não quis dizer exatamente isso, “suruba”.

Recapitulemos a orgiástica celeuma. Em entrevista ao jornalista Ricardo Brito, de *O Estado de S. Paulo* (publicada na segunda-feira, 20), o experimentado congressista exprimiu-se com clareza equatorial. Eis o que ele declarou: “Se acabar o foro, é para todo mundo. Suruba é suruba. Aí é todo mundo na suruba, não uma suruba selecionada”.

Nos dicionários, como sabemos, “suruba” designa a prática de “sexo grupal”. Antes de mais nada, façamos justiça. A alusão feita por Jucá a uma atividade coletiva, mesmo que tenha sido essa, não deixa de ser atípica. Mais do que atípica, é excepcional. São raríssimos os momentos em que o senador não segue o diapasão do individualismo exacerbado e do egoísmo mercantil. Ao menos desta vez, admitamos, ao fazer alusão a um divertimento mundano que requer um contingente de três ou mais para se consumir, Jucá vislumbrou

relações humanas que não se resumem à ganância e à cobiça conjugadas na primeira pessoa do singular. Essa concessão ao “coletivismo” teria sido, enfim, um progresso, não fosse a intenção agressiva e hostil – bem pouco amorosa, portanto – da fala bruta.

“Suruba” também quer dizer “confusão”, “bagunça”, mas, mesmo com essa acepção menos chula, o termo continua sendo xucro e infamante, daí não ter caído nada bem aos ouvidos dos ministros do Supremo Tribunal Federal. O peemedebista resolveu então recuar. Alegou que sua declaração teria sido tirada de contexto etc. Fica então a suruba pela não suruba, ou seja, o dito pelo não dito.

A retratação traz embutida uma tentativa dissimulada do senador de jogar a responsabilidade para os jornais. O problema não teria sido o que ele disse, mas a forma como foi publicado o que ele disse. De novo, uma autoridade acuada por suas próprias lambanças vernaculares sugere que a culpa é da imprensa e fica tudo por isso mesmo.

Em matéria de fustigar a imprensa, Jucá é reincidente. Na mesma segunda-feira em que concedeu a entrevista da “suruba”, o ex-amigão de **Dilma Rousseff** e agora fã de carteirinha de **Michel Temer** discursou no plenário do Senado para comparar o trabalho dos jornalistas ao nazismo, à Inquisição e à era do terror da Revolução Francesa, em que as guilhotinas entupiam de sangue os bueiros de Paris.

### >> Outras colunas de Eugênio Bucci

“No passado, a turba fazia linchamentos”, diagnosticou o erudito tribuno. “A gente viu muito isso ao longo da história do mundo. Hoje, quem tenta fazer linchamentos não é a turba, é a imprensa e setores da sociedade.” No embalo, chamou repórteres de “as novas carpideiras e vivandeiras”, que “choram os defuntos ainda vivos”.

Em seu pronunciamento furibundo, o senador se queixou de jornais que publicaram trechos das gravações de diálogos que teve com Sérgio Machado, ex-presidente da Transpetro, nos quais transparece a intenção de frear a Lava Jato. Nas gravações, feitas pelo próprio Machado, Jucá falava em “estancar a sangria” como uma das razões para apressar o impeachment de Dilma. Agora, alegando que estaria se referindo à sangria de divisas do Brasil, acusou a imprensa de promover linchamentos morais. O dele, inclusive.

O senador deve desculpas aos jornalistas brasileiros. Não que os jornais sejam sacrossantos. Eles erram, erram muito e erram gravemente. Romero Jucá, no entanto, na condição de primeiro despachante de todos os donos do poder que se alternam no Palácio do Planalto, não é uma das vítimas da imprensa. Quando muito, a imprensa é que tem sido prejudicada por sua arrogância – indesculpável, por sinal.